

A quebra do horizonte de expectativas sobre as obras literárias de mulheres negras caribenhas

Jhonnatas dos Santos Sousa*

Alcione Correa Alves**

Cristiane Viana da Silva Fronza***

Resumo

Este estudo buscou, por meio de pesquisa bibliográfica, satisfazer o objetivo de relacionar a experiência de quebra do horizonte de expectativas – sobre obras de mulheres negras caribenhas – ao conceito de estereótipo, discutido por Homi K. Bhabha. Especificamente, pretendeu-se refletir sobre o horizonte de expectativas e a experiência do leitor; compreender o conceito de estereótipo por Homi K. Bhabha; e por fim, associar o conceito de estereótipo à experiência de quebra do horizonte de expectativas sobre as literaturas de mulheres negras caribenhas. Esta pesquisa justifica-se à medida que as discussões são capazes de gerar reflexões acerca dos sistemas de manutenção dos lugares de dominação presentes na sociedade. Para o embasamento teórico, dentre outros, utilizou-se Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), Winnie Bueno (2020a) e o autor Bhabha (2013). Concluiu-se ser possível trabalhar a compreensão acerca do horizonte de expectativas e como a experiência do leitor nos

* Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Francesa e suas respectivas literaturas (UFPI). Pesquisador de Literaturas Americanas no Núcleo de Pesquisa Teseu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4471-6898>

** Professor associado na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor, mestre e graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome, dedicado ao tema das construções identitárias nas literaturas Americanas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8405-430X>

*** Doutora em letras pela Universidade do Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrado Acadêmico em letras e Especialização em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialização em Literatura Africana, Indígena e Latina pela Faculdade Facuminas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9638-5352>

ajuda a ler autoras negras, além de identificar experiências de subordinação empregadas a essas sujeitas. Foi possível entender a experiência de quebra do horizonte de expectativas sobre as literaturas de mulheres negras, compreendendo que o estereótipo possui o poder de modificar nossa concepção literária. A quebra de horizonte sobre autoras racializadas é um plano de fundo para entender que a perspectiva racial e de gênero está relacionada ao discurso discriminatório, o qual é fortalecido pela estratégia do estereótipo. Esse entendimento nos auxilia na compreensão de como lemos e interpretamos autoras negras.

Palavras-chave: literaturas negras caribenhas; literaturas Amefricanas; estereótipo; decolonialidade.

La rupture de l'horizon des attentes sur les œuvres littéraires des femmes noires des caraïbes

Résumé

Cette étude a cherché, par la recherche bibliographique, à atteindre l'objectif de relier l'expérience de rupture de l'horizon des attentes – sur les œuvres de femmes noires des Caraïbes – au concept de stéréotype, discuté par Homi K. Bhabha. Plus précisément, il s'agissait de réfléchir sur l'horizon des attentes et de l'expérience du lecteur; comprendre le concept de stéréotype par Homi K. Bhabha; et enfin, associer le concept de stéréotype à l'expérience de l'horizon des attentes sur les littératures des femmes noires des Caraïbes. Cette recherche se justifie au fur et à mesure que les discussions sont en mesure de susciter des réflexions sur les systèmes de maintenance des lieux de domination présents dans la société. Pour le fondement théorique, entre autres, on a utilisé Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), Winnie Bueno (2020a) et l'auteur Bhabha (2013). Il s'est avéré possible de travailler

sur la compréhension de l'horizon des attentes et comment l'expérience du lecteur nous aide à lire les auteures noires, en plus d'identifier les expériences de subordination employées à ces sujets. Il a été possible de comprendre l'expérience de briser l'horizon des attentes sur les littératures de femmes noires, comprenant que le stéréotype a le pouvoir de modifier notre conception littéraire. L'horizon sur les auteurs racialisés est une justification pour comprendre que la perspective raciale et de genre est liée au discours discriminatoire, qui est renforcé par la stratégie du stéréotype. Cette compréhension nous aide à comprendre comment nous lisons et interprétons les auteures noires.

Mots-clés: littératures noires des Caraïbes; littératures africaines; stéréotype; décolonialité.

Introdução

Enfant des tropiques
fille d'esclaves suis-je
ce n'est pas une plainte
ni une lamentation
c'est un cri
(Bogard, 2013, n.p.)

No desenvolvimento dos estudos no âmbito do Grupo de Pesquisa “Teseu, o labirinto e seu nome”, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), pudemos iniciar os estudos sobre decolonialidade e teoria feminista negra, os quais proporcionaram conhecer dois conceitos que serviram de base para as trajetórias de pesquisa: o conceito de estereótipo, apresentado por Homi K. Bhabha e o conceito de imagens de controle pesquisado por Patricia Hill Collins, difundido por Winnie Bueno (2020). Ambas as teorias nos auxiliam na compreensão do porquê de algumas obras literárias quebrarem o nosso horizonte de expectativas durante sua leitura.

Esta pesquisa justifica-se a partir de uma experiência durante a prática na disciplina de “Literaturas de Língua Francesa”, ministrada através do curso de Letras Português e Francês da UFPI. Dentro dessa disciplina, foram apresentadas literaturas que contrariavam o pensamento comum sobre literaturas em língua francesa. Esperavam-se autores como Gustave Flaubert, Victor Hugo, Charles Baudelaire. No entanto, foram apresentadas literaturas de mulheres negras caribenhas, até então desconhecidas por grande parte da turma.

Nessa conjuntura, foram reveladas obras como *Le cri*, de Jeanie Bogart (2013); *Le voyage en Haïti*, de Mireille Jean-Gilles (2004); *Contes de l'enfance aveugle*, de Jacqueline

Beaugé-Rosier (2007); *Je suis martiniquaise*, de Mayotte Capécia (2003); *Yanick Lahens, écrire sans masques*, de Yanick Lahens (2015), dentre outras. Essas obras foram escolhidas partindo do pensamento de Lélia Gonzalez (2020) sobre Amefricanidade. O termo é apresentado pela autora como sendo uma categoria que, de forma democrática, permite (dentro de suas implicações políticas e culturais) “ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular).” (Gonzalez, 2020, p. 134-135). Nesse sentido, o conceito de Amefricanidade tem o objetivo de unificar as diferentes partes da América, proporcionando uma identidade que evite hierarquizar um em detrimento do outro, partindo de um pensamento afrocentrado.

Ao iniciar as leituras e as reflexões dessas obras, houve a experiência de sermos surpreendidos com as produções. É possível que essa ação tenha sido despertada partindo de suposições ao iniciar as leituras – por se tratar de obras escritas por autoras negras – criando, dessa forma, concepções sobre seu teor. Entretanto, essas obras se mostraram diferentes do esperado. Houve, portanto, uma quebra do horizonte de expectativas que desencadeou um efeito inesperado durante as leituras.

Possivelmente, essa vivência de quebra do horizonte de expectativas sobre as obras dessas sujeitas estivesse relacionada com os estereótipos sobre essas mulheres. Compreendendo isso, nos inspiramos em bell hooks ao afirmar que sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias.” (hooks, 1989, p. 42 apud Kilomba, 2019, p. 28). Portanto, partindo dessa

vivência buscou-se compreender essas realidades literárias, compreendendo que “Nomear é tomar posse.” (França, 2020, p. 82). Buscaremos, dessa maneira, refletir que a impessoalidade nos ajuda a esconder a violência simbólica e epistemológica de um pretenso sujeito suposto saber que legitima e autoriza a nossa fala, partindo de uma fala fria, neutra, rigorosa, criteriosa. E esse não é o nosso objetivo (França, 2020, p. 82).

Como objetivo geral, buscou-se relacionar a experiência de quebra do horizonte de expectativas – sobre obras de mulheres negras caribenhas – ao conceito de estereótipo discutido por Homi K. Bhabha. Especificamente, pretende-se refletir sobre o horizonte de expectativas e a experiência do leitor; compreender o conceito de estereótipo por Homi K. Bhabha; e associar o conceito de estereótipo à experiência de quebra do horizonte de expectativas sobre as literaturas de mulheres negras caribenhas.

Quanto à metodologia, o estudo foi direcionado partindo de uma pesquisa de cunho exploratório. Buscou-se fazer um delineamento entre teoria e fatos que, por sua vez, refere-se ao planejamento e à organização da pesquisa a partir de fontes bibliográficas (Gil, 1999). Para esta pesquisa foi adotada, por meio de Goldenberg (2004), a abordagem qualitativa, visando compreender os indivíduos e seus contextos, focando nas especificidades e significados do fenômeno pesquisado a partir de uma perspectiva decolonial por meio de Anibal Quijano (2005). Neste sentido, “o fazer decolonial é justamente um desfazer colonial. Desfazer gêneros, estereótipos, pré-conceitos, etnocentrismos e vicissitudes fortemente arraigados em nosso ser.” (França, 2020, p. 82). Assim como o autor, consideramos de suma importância o fazer decolonial, entendendo que o paradigma se caracteriza por deixar grandes marcas na sociedade.

Para o embasamento teórico, dentre outros, utilizou-se Aguiar e Bordini por meio do seu livro intitulado “Literatura: a formação do leitor” (1988), Hans Robert Jauss (1994) e Lima (1979). Também se utilizou Lélia Gonzalez (2020), Grada Kilomba (2019), Winnie Bueno (2020a) e o autor Homi K. Bhabha (2013). Dessa forma, buscaremos refletir a partir de obras de crítica literária, autores que trabalham o pensamento feminista negro e textos que possam nos auxiliar na construção do sujeito leitor.

Essas questões iniciais são ponto de partida para buscar entender situações que se arrolam dentro do campo literário. Tendo isso em mente, surgiu a seguinte questão: seria possível utilizar um conceito que, ao lado do horizonte de expectativas, auxilie a compreender essa experiência de quebra da nossa concepção como sujeitos leitores? Há a hipótese de que a compreensão do objeto de pesquisa pode avançar se juntarmos, ao horizonte de expectativas, o conceito de estereótipo, ajudando a compreender a leitura de escritoras negras, assim como para refletir outras experiências de subordinação.

1 A quebra do horizonte de expectativas sobre autoras negras caribenhas

Buscou-se, nesse primeiro capítulo, apresentar e refletir o conceito de horizonte de expectativas a partir de questões raciais. Deve-se compreender que o método recepcional, no âmbito literário, realça a confrontação entre o familiar e o novo, bem como entre o seu distanciamento no tempo e no espaço. O processo de compreensão da literatura não se finaliza no texto, ao invés disso, se desenvolve na leitura por meio da postura

adotada pelo leitor. Isso não significa que a obra não possua autonomia, apenas reafirma a participação do sujeito leitor no processo de recepção textual (Aguiar; Bordini, 1988). É possível que essa participação tenha uma grande influência do horizonte de expectativas que o leitor possui sobre autoras(es) negras(os), tornando necessária a discussão sobre esta categoria.

O horizonte de expectativas inclui convenções estético-ideológicas que permitem a produção/recepção de um texto. A interpretação da obra não se finaliza apenas ou por meio do texto, mas se constrói através das experiências do leitor atreladas ao texto. De acordo com Stuart Hall, “[...] a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado [...] ‘em processo’.” (Hall, 2000, p. 106). Ou seja, é o entrelaçamento de expectativa e experiência, onde encontra-se o intraliterário, presente implicitamente na obra, e o extraliterário, apresentado a partir do leitor (Jauss, 1994).

Para Regina Zilberman, existem princípios constitutivos do horizonte de expectativas no qual o autor/leitor produz a interpretação da obra. São eles: social, intelectual, ideológico, linguístico e literário. O primeiro, social, se relaciona à posição do indivíduo na sociedade; o intelectual se liga com seu espectro social e sua formação educacional formal; o ideológico está associado aos valores empregados, podendo ser em seu meio social ou fora dele; o princípio linguístico está ligado ao padrão expressivo associado à gramática normativa de acordo com seu nível de instrução educacional e meio social; o literário vai depender das experiências de leituras realizadas, de suas preferências e das obras que lhe foram apresentadas (Zilberman, 1982, p. 103 *apud* Aguiar; Bordini, 1988, p. 83).

A noção de horizonte é tão importante e complexa que pode, inclusive, acionar fatores de ordem afetiva que, por sua vez, podem acarretar adesões ou rejeições a certos tipos de leituras, tema importante ao se tratar de autorias amefricanas. No contexto da ação de produção/recepção, há uma integração entre os horizontes de expectativas do autor, expressas na obra, e do leitor, que transfere as suas expectativas ao texto. A identificação “[...]pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. [...] a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência.” (Hall, 2000, p. 106). Essa dinâmica pode desencadear um estranhamento entre ambos possibilitando, ainda, que essa relação sirva de parâmetro para análise da obra (Aguiar; Bordini, 1988).

Para Jauss (1971), a distância estética seria a diferença existente entre as expectativas e a forma precisa de uma nova obra. Essa lacuna entre a expectativa e a obra pode dar início a uma modificação do horizonte do leitor. No entanto, essa modificação não significa, necessariamente, que as experiências pessoais do leitor que influem sobre a obra irão mudar, ao invés disso elas podem ser reafirmadas (Jauss, 1971, p. 77). Portanto, as obras podem ser valorizadas na medida em que produzem alterações ou mesmo ampliação do horizonte de expectativas do leitor. Assim, a experiência de leitura pode vir a confrontar os padrões já aceitos por ele e possibilitar uma nova experiência (Aguiar; Bordini, 1988, p. 83). Verifica-se ainda que o confronto pode determinar a identificação ou o distanciamento do leitor com a obra literária.

É importante lembrar que as convenções sociais e culturais a que os leitores foram expostos influenciam no processo de

recepção. Assim, se o texto reafirma os valores e normas do leitor, não haverá alteração do seu horizonte de expectativas. Em contrapartida, se a obra se distancia do que é esperado pelo leitor, este a repele por exigir uma interação conflituosa com seu parâmetro de valores e referências (Aguiar; Bordini, 1988). O texto pode apresentar-se distante do horizonte de expectativas do leitor e isso pode gerar um estranhamento inicial. Observa-se que a familiaridade com a obra é um fator importante na sua análise, tendo em vista que certas obras, gêneros ou autoras não são tão difundidas quanto outros. A falta de contato com certos textos põe em questão a análise da composição estética da obra, assim como da visão ideológica e de mundo do leitor.

É inegável que, mesmo com o avanço das discussões acerca dos estudos raciais¹, ainda há a supressão do pensamento negro nas Universidades. “As identidades, os pensamentos, as culturas negras, neste recorte, seriam uma das que sofreram e tem sofrido as consequências deste processo, com o apagamento, o silenciamento e, por vezes, a estereotipização.” (Couto; Jovino, 2022, p. 81). Isso se dá porque, dentre algumas possibilidades de abordagem ao tema, existe (nossa hipótese) um processo de silenciamento e ocultamento do pensamento de mulheres negras.

O horizonte de expectativas é repleto de substratos que o incorporam. “Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa; vivências pessoais, culturais, sócio-ideológicas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas.” (Aguiar; Bordini, 1988, p. 87). Esse texto nos ajuda a compreender que o processo de leitura tende a começar antes

¹ Para complementar a leitura, sugerimos o livro intitulado *Olhares Negros: Raça e Representação* da autora bell hooks – edição produzida pela Editora Elefante (2019). Sugere-se também a exploração da obra de Angela Davis, particularmente, *Mulheres, raça e classe* – uma edição da Boitempo (2016). Temos também Raquel Barreto, que traz inúmeras reflexões em sua tese de mestrado intitulada *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia González* – Puc-Rio (2005).

mesmo do contato do leitor com o texto, isso se dá, justamente, pelas vivências do leitor que orientarão sua expectativa sobre a obra.

De acordo com Winnie Bueno (2020b, n.p.), “a gente teve durante um período muito significativo de tempo, nas próprias lógicas de produção da academia, uma supressão do pensamento feminista negro, o silenciamento, o ocultamento [...]”. Ainda segundo a autora, essa supressão não se constitui apenas na ocultação, mas também “por uma inserção controlada” (Bueno, 2020b, n.p.), inserindo apenas algumas obras nas emendas. Essa afirmativa nos leva a refletir sobre a representação de autoras negras dentro das esferas de ensino e em meio às discussões acadêmicas. Dessa forma, “[...] a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.” (Hall, 2000, p. 106). O fato é que sua falta de representação garante a manutenção dos lugares de dominação já estabelecidos e, consequentemente, destina o outro ao lugar de ocultamento.

Para Castro e Bamba, “[...] aquela obra que corresponde à expectativa do seu espectador, corresponde portanto ao horizonte de expectativa” (2014, p. 3), considerando sua familiaridade e, dessa forma, sua maior aceitação. Nesse sentido, partindo de seu horizonte de expectativas, o leitor analisa a obra a fim de aceitá-la ou recusá-la. Após esse contato com o novo, seu horizonte tende a ser ampliado por meio da nova experiência. Contudo, “se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel.” (Aguiar; Bordini, 1988, p. 87). Por isso, segundo Castro e Bamba (2014), é importante refletir sobre a

temática do horizonte de expectativas pois, assim, possibilita-se o rompimento com o discurso hegemônico que vigora e incita a manutenção do pensamento do sujeito leitor.

Para uma melhor compreensão sobre o tema, introduziremos, a seguir, a discussão sobre a influência do estereótipo na construção do horizonte de expectativas sobre autoras negras amefricanas.

2 O estereótipo e o colonialismo

Neste capítulo, buscou-se compreender o conceito de estereótipo por Homi K. Bhabha (2013), para que possamos associar o conceito à experiência de quebra do horizonte de expectativas sobre as literaturas de mulheres negras caribenhas. De forma a desenvolver reflexões sobre a temática, o autor indobritânico nos ajuda a avançar nos estudos literários através de suas discussões acerca do discurso colonial.

O tema é importante, nesta pesquisa, para compreender a perspectiva de violências a sujeitas(os) racializadas(os) e como isso está relacionado às suas produções literárias. “Tal é, segundo creio, o momento do discurso colonial. É uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas de hierarquização racial e cultural.” (Bhabha, 2013, p. 119). Assim, a passagem nos leva a construção de uma possível estrutura (horizonte de expectativa-silenciamento-estereótipo) que nos auxiliará no decorrer da pesquisa.

Adentrando no conceito de estereótipo, partimos do pensamento de Homi K. Bhabha, em seu livro intitulado *O local da cultura* (2013). Trabalharemos, particularmente, o

terceiro capítulo de sua obra, ‘Estereótipo, a descriminação e o discurso do colonialismo’. Sendo assim, inicialmente, o autor nos sugere o que seria o referido conceito: “Os sujeitos do discurso são construídos dentro de um aparato de poder que contém, nos dois sentidos da palavra, um ‘outro’ saber – um saber que é retido e fetichista e circula através do discurso colonial como aquela forma limitada de alteridade que denominei estereótipo.” (Bhabha, 2013, p. 134).

Nessa perspectiva, quando falamos de estereótipo estamos nos referindo a sujeitos que são fixados, por meio de discursos, dentro de moldes e que são encarados como sendo “o outro”. O termo “fixado” toma aqui um sentido importante pois, a partir dele, conseguimos compreender uma estrutura basilar que serve para a construção e manutenção dessa ideia de estereótipo. Para Bhabha, “o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação.” (Bhabha, 2013, p. 130). Assim, para além da ideia de falsa representação, o estereótipo utiliza dessa perspectiva de fixação como meio garantidor de aprisionamento do outro. Em outros termos, essa falsa representação se solidifica negando qualquer outra diferença e representatividade do Outro, exceto a da imagem estereotipada.

Todavia, sua fixidez não significa falta de repetibilidade pois, nesse sentido, “como forma de crença dividida e múltipla, o estereótipo requer, para uma significação bem sucedida, uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos.” (Bhabha, 2013, p. 133-134). Por conseguinte, demanda-se que ele seja reafirmado inúmeras vezes, garantindo sua fixação por meio da

recorrência. Esse estereótipo está intimamente relacionado à construção e manutenção de estruturas de poder que podemos relacionar ao colonialismo, em suas diversas manifestações.

Acerca do colonialismo, Bhabha (2013) nos apresenta sua compreensão sobre o assunto. De acordo com o autor, para compreender o poder colonial, inicialmente, é necessário não subordinar suas representações a um julgamento normatizante, pois isso tiraria o seu caráter verdadeiro. O discurso colonial pode ser compreendido como “aquela ‘alteridade’ que é ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio, uma articulação da diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade.” (Bhabha, 2013, p. 118-119). Essa fantasia cria desdobramentos sobre como sujeitos são enxergados na sociedade até hoje, fortalecendo discursos preocupantes quanto à construção da identidade de determinados sujeitos.

Não há como discorrer sobre o colonialismo sem adentrar no campo político, econômico e cultural; menos ainda, sem mencionar a exploração de diferentes povos. De acordo com Quijano (2005), a globalização é o resultado de um longo processo de colonização que teve início ainda na constituição da América e, também, por meio do capitalismo colonial/moderno e eurocêntrico. O resultado disso pode ser notado pelo padrão de poder estruturado. Ainda segundo o autor:

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, de uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. (Quijano, 2005, p. 117)

Por conseguinte, o trecho nos leva a refletir que a ideia de poder e dominação é articulada a partir de classificações raciais – divergentes do padrão eurocêntrico – e que estão intimamente ligadas ao período de dominação colonial. De acordo com o autor, “a ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados [...]”. (Quijano, 2005, p. 117). E em que nos ajuda essa passagem do autor? A compreender a construção da ideia de raça e como ela se entrelaça com o processo de colonização e, consequentemente, às marcas “identidade social” que esse sistema colonial deixou em diversas esferas da sociedade, inclusive na educação e nas artes, a exemplo da literatura. Corroborando com essa perspectiva, Lélia Gonzalez traz a seguinte explicação:

Sabemos que o colonialismo europeu, nos termos com que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período, o racismo se constituía como a “ciência” da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. (Gonzalez, 2020, p. 129)

Essa reflexão nos auxilia na compreensão de uma perspectiva de categorização social que estava relacionada com a ideia de raça. Dessa forma, dentro da classificação eurocristã, mulheres, negros, ou qualquer outro que não estivesse dentro dos padrões arianos era inferiorizado perante a classificação social. Não obstante, essa ordem alcançou as produções acadêmicas, criando, dessa forma, uma hierarquia científica.

Dialogando com Lélia Gonzalez, Quijano afirma que

na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. (Quijano, 2005, p. 117).

Dentro dessa perspectiva de classificação social, nota-se alguns segmentos com maior destaque do que outros – raça – no contexto de produção e exposição de conhecimento, havendo projetos avaliados a partir de sua associação com as hierarquias, lugares e papéis preestabelecidos desde o processo colonial (Quijano, 2005).

De acordo com Bhabha (2013, p. 117), “a fixidez, como signo da diferença cultural/histórica racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal”. Para o autor, essa representação de fixidez sugere rigidez, imutabilidade, assim como desordem e degeneração. Encontramos ainda, dentro desse discurso colonial, o estereótipo que emerge como seu principal método para o alcance da estratégia discursiva do colonialismo. A ambivalência contribui com a validação do estereótipo colonial, pois, dessa forma, ela garante que o estereótipo se repita, em diferentes conjunturas e discursos, durante a História. Além disso, ela se embasa na diferença e na marginalização e estabelece um efeito de verdade. Esse efeito garante ao estereótipo o excesso que o fortifica. Em suma, essa ambivalência corrobora para o discurso discriminatório, seja ele racista, sexista, periférico, seja metropolitano (Bhabha, 2013).

A partir de Lélia Gonzalez, podemos compreender esse discurso discriminatório como uma estratégia que possui duas faces, a “exploração/pressão” (Gonzalez, 2020, p. 130). Para

a autora, “verifica-se que o racismo desempenhará um papel fundamental na internalização da ‘superioridade’ do colonizador pelos colonizados.” (Gonzalez, 2020, p. 130). Nesse contexto, o discurso discriminatório, racista e sexista, é utilizado como ferramenta de superioridade internalizada desde o processo de colonização que culmina em garantir a exploração e a opressão.

Conforme Bhabha (2013), por meio do discurso colonial, deve-se focar na compreensão dos processos de subjetificação. Esses, por sua vez, garantem-se por meio do discurso do estereótipo, possibilitando, assim, sua existência. Ao julgar a imagem estereotipada, deve-se estar consciente de sua eficácia e, ainda, de seu papel na construção do sistema por meio de posições de poder e dominação. Esse sistema também é responsável pela construção do sujeito da identificação colonial. Além disso, “a construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas da diferença – raciais e sexuais.” (Bhabha, 2013, p. 119). Essa ação explicita a fundamentalidade de refletir que o corpo, na perspectiva racial e de gênero, está relacionado ao discurso discriminatório e que este é fortalecido pela estratégia do estereótipo empregado ao outro (Bhabha, 2013, p. 118-119).

Dentro deste contexto, Grada Kilomba explana que “o sujeito negro torna-se não apenas a/o ‘Outra/o’ – o que diferente, em relação ao qual o ‘eu’ da pessoa branca é medido –, mas também ‘Outridade’ – a personificação de aspectos repressores do ‘eu’ do sujeito branco.” (Kilomba, 2019, p. 37-38). Dessa maneira, o discurso estereotipado só nos demonstra que é, acima de tudo, uma estratégia de poder que está relacionada com o colonialismo, ambos forjados no racismo e sexismo. Refletir sobre essa relação de poder nos auxilia na compreensão de

como lemos e interpretamos autoras negras. Sabendo disso, entenderemos melhor como essa perspectiva se relaciona com o leitor no capítulo seguinte.

3 A influência dos estereótipos raciais na leitura de autoras amefricanas

Neste capítulo, objetiva-se associar o conceito de estereótipo à experiência de quebra do horizonte de expectativas sobre as literaturas de mulheres negras caribenhas. Essa associação não busca afirmar ou determinar as diversas sensações vivenciadas pelos leitores, apenas se apresenta como uma forma de provocar reflexões sobre a experiência de ler autoras amefricanas. Oliveira e Alves (2016), por meio de seus estudos, nos auxiliam na tentativa de evidenciar a importância de pensar estratégias de resistência de sujeitas(os) em subalternidade, assim como a refletir sobre a construção da identidade dessas(es) sujeitas(os); no nosso caso, autoras negras.

Toda nova leitura pode despertar vivências variadas no leitor – capaz de modificá-lo ou surpreendê-lo – a depender, também, de sua abertura ao novo. De acordo com Aguiar e Bordini (1988, p. 87), “essa tarefa de ruptura do texto não se viabiliza se não houver uma contrapartida do sujeito, ou seja, se ele não se dispõe a ter seu universo estável abalado de alguma forma e não percebe nesse alargamento a realização de algo desejado ou intuído”. Essa, talvez, seja uma prática que demandaria mais ação do leitor e não tanto da força de impacto da obra.

Entretanto, esse leitor possui, certamente, um horizonte de expectativas sobre os mais variados autores, gêneros e obras literárias. Nesse sentido, Aguiar e Bordini (1988) nos

apresentam alguns fatores que possibilitariam a transformação do horizonte de expectativas do leitor, sendo um dos fatores a “ruptura”. Ela apresenta-se como consequência do distanciamento crítico do leitor por conta de seu horizonte cultural. Nesse sentido, seu horizonte cultural se encontra distante das propostas que novas obras suscitam, tais como, podemos sugerir, as obras amefricanas.

Entretanto, o distanciamento ou desconhecimento acerca das obras de autoras negras não determinaria, em tese, qual seria o seu horizonte de expectativas sobre elas. Sendo assim, o horizonte de expectativas do leitor se construiria a partir das suas experiências de vida, do seu conhecimento de mundo, bem como de suas ideologias e crenças. “Vivemos uma contemporaneidade contaminada essencialmente pela visão eurocêntrica. [...] nos organizamos em bases eurocentradas e vamos impondo [...] à sociedade de maneira geral.” (Couto; Jovino, 2022, p. 77). Nessa perspectiva, é possível que o estereótipo sobre as autoras amefricanas seja construído a partir de um pensamento de racismo estrutural, desencadeado e nutrido a partir de um colonialismo que ainda impera por diversos meios, incluindo o meio acadêmico e literário.

É possível que o horizonte de expectativas sobre autoras negras seja quebrado após sua leitura, pois espera-se um determinado segmento literário com certas narrativas de escrevivência, com algumas pautas políticas e sociais, ou mesmo a desacreditação de seu conteúdo temático (qualidade estrutural). Não seria improvável que essas expectativas estivessem relacionadas aos estereótipos raciais e de gênero empregados sobre suas autoras. De acordo com Bhabha,

o processo pelo qual o “mascaramento” metafórico é inscrito em uma falta, que deve então ser ocultada, dá ao estereótipo sua fixidez e sua qualidade fantasmática – sempre as mesmas histórias sobre a animalidade do negro, a inescrutabilidade do cule ou a estupidez do irlandês têm de ser contadas (compulsivamente) repetidamente, e são gratificantes e aterrorizantes de modo diferente a cada vez. (Bhabha, 2013, p. 134, grifos do autor)

Sendo assim, o estereótipo não seria uma mera coincidência de perspectiva literária e sim uma forma de manutenção da estrutura que impera nas sombras do conceito, culminando na repetibilidade do estereótipo e fixando o termo aos sujeitos racializados. Por conseguinte, o racismo e o estereótipo caminham lado a lado construindo amarras sobre sujeitas racializadas. Bhabha (2013, p. 137) afirma que “a diferença do objeto da discriminação é ao mesmo tempo visível e natural – cor como signo cultural/político de inferioridade ou degeneração, a pele como sua identidade natural”. Portanto, o horizonte de expectativas firmado a partir de uma ideia de cor como signo cultural/político determinará como essas literaturas amefricanas serão recepcionadas, correndo o risco de serem discriminadas ou degeneradas.

Nessa seara, Grada Kilomba pode nos ajudar a refletir com o auxílio da famosa história de Anastácia, mulher escravizada obrigada a usar uma máscara durante o seu processo de escravização. Uma ferramenta utilizada para punir e silenciar. Entretanto, a autora nos faz refletir que essa máscara de silenciamento não é meramente um fato do passado, mas é “um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos.” (Kilomba, 2019, p. 33). Mas como isso nos auxilia a pensar a leitura de autoras negras? Kilomba

nos ajuda a responder essa questão ao afirmar que a máscara “simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os ‘Outras/os’.” (Kilomba, 2019, p. 33).

A exclusão ou a não disseminação de obras negras contribui para o apagamento e silenciamento de autoras racializadas. Nessa direção, “a máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer.” (Kilomba, 2019, p. 43). Pensar sobre como, quando e quem se lê é um ato de resistência.

É decerto muito doloroso quando vemos que provavelmente essas leituras não são plurais e não contemplam a todos. “Tal visão perpassa e, por vezes, limita, oprime, apaga quem podemos ser, como podemos pensar e agir, ou seja, nossos movimentos de viver e existir na universidade e fora dela.” (Couto; Jovino, 2022, p. 77-78). É necessário repensar o que é literatura clássica, literatura essencial ou mesmo literatura acadêmica.

Bhabha (2013, p. 130) afirma que o estereótipo constrói sua dominação como “uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma”. Essa articulação, ao reconhecer a recusa da diferença, tem suas raízes no colonialismo eurocêntrico que ainda exclui autoras racializadas da esfera das discussões literárias e acadêmicas. “O discurso racista estereotípico, em seu momento colonial, inscreve uma forma de governamentalidade que se baseia em uma cisão produtiva em sua constituição do saber e exercício do poder.” (Bhabha, 2013, p. 141). A literatura ultrapassa aspectos puramente estruturais e abarca panoramas sociais importantes para compreender que certas concepções não correspondem

à realidade e que, por vezes, está envolta em uma camada de preconceitos ou, conforme Bhabha, de inúmeros estereótipos.

Pensando sobre os estereótipos empregados e as consequências disso, Winnie Bueno nos auxilia a compreender a opressão empregada sobre autoras negras:

As mulheres negras precisam, assim, resistir ativa, contínua e clandestinamente à opressão do meio social em que vivem, materializada em imagens que geram não apenas desvalorização simbólica, mas também discriminação no acesso a oportunidades e ao pleno gozo de direitos fundamentais. (Bueno, 2020a, p. 14-15)

Desse modo, mulheres negras desempenham um esforço ainda maior para alcançar o reconhecimento devido a seus projetos. “Trata-se de ideias que informam práticas, estabilizadas em instituições, que reiteram padrões de comportamento destinados a pôr as mulheres negras em situação subalterna.” (Bueno, 2020a, p. 15). Há, dessa forma, a privação de acesso e a desvalorização de seus trabalhos em todas as esferas da sociedade, o que torna difícil a divulgação e o consumo de literaturas negras.

Glissant (2005) nos ajuda a pensar um mundo em que nossos modelos de compreensão não sejam aplicados sobre os outros, que busquemos construir esse mundo com a diferença. “Não necessito mais ‘compreender’ o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele. Nos dias de hoje, o direito à opacidade seria o indício mais evidente da não barbárie.” (Glissant, 2005, p. 86). Partindo dessas reflexões, é possível associar o horizonte de expectativas sobre autoras racializadas aos estereótipos empregados sobre elas na sociedade desde o processo colonial.

Considerações finais

A partir da experiência de leitura de autoras negras em língua francesa na universidade, foi possível vivenciar experiências únicas de apreciação. Esta pesquisa se torna importante à medida que as discussões são capazes de gerar reflexões acerca dos sistemas de manutenção dos lugares de dominação presentes na sociedade, incluindo o universo literário. Nesse sentido, refletir sobre a quebra do horizonte de expectativas sobre a obra literária de mulheres amefricanas se torna essencial, pois, conforme planejado, foi possível, por meio de fontes bibliográficas, relacionar tal experiência de quebra do horizonte de expectativas ao conceito de estereótipo discutido por Homi K. Bhabha e expandir as discussões para as questões raciais e de gênero.

A partir da delimitação dos objetivos específicos, foi possível trabalhar a compreensão acerca do horizonte de expectativas e como a experiência do leitor nos ajuda a ler autoras negras, além de identificar experiências de subordinação empregadas a essas sujeitas. Especificamente, Homi K. Bhabha nos auxiliou a entender e identificar os estereótipos. Dessa forma, o estereótipo se apresenta como um mecanismo empregado por meio de diferentes discursos e que é fixado dentro de um sistema hierarquizante. Isso nos leva a entender que o conceito não se consolida apenas na falsa representação do outro, mas utiliza-se dessa perspectiva de fixação como meio garantidor de aprisionamento, negando, assim, a diferença.

Entretanto, para além do conceito de estereótipo podemos compreender a força do colonialismo e a sua forma de manutenção das estruturas de poder. Percebe-se que essas estruturas se relacionam com as classificações raciais

estritamente ligadas ao período de dominação colonial. Foi possível também, ao que se propôs, entender a experiência de quebra do horizonte de expectativas sobre as literaturas de mulheres negras, pois o estereótipo possui o poder de modificar nossa concepção e percepção literária. Além do autor, pesquisas como as de Lélia Gonzalez e Grada Kilomba trouxeram contribuições importantes acerca dos estudos feministas negros, demonstrando que aspectos raciais estão relacionados à recepção das obras literárias de autoras negras.

Compreendemos que autoras como Jeanie Bogar, Mireille Jean-Gilles, Jacqueline Beaugé-Rosier, Mayotte Capécia e Yanick Lahens acabam, por vezes, sendo lidas através de um olhar repleto de estereótipos raciais que desprestigiam suas obras e as colocam em lugares de subalternidade. Nessa perspectiva, somos capazes de compreender que a ideia de raça se relaciona com o processo de colonização, conjecturando cicatrizes nas esferas culturais. Por conseguinte, Grada Kilomba nos auxiliou a compreender que há um silenciamento e uma hierarquia científica que desprivilegia autoras racializadas e suas produções acadêmicas.

Observa-se, portanto, que no contexto de produção e exposição de conhecimento há projetos sendo avaliados a partir de lugares e papéis preestabelecidos desde o processo colonial. Nesse contexto, o discurso discriminatório, racista e sexista, é utilizado como ferramenta de superioridade internalizada desde o processo de colonização.

A quebra de horizonte sobre autoras racializadas foi essencial para entender que a perspectiva racial e de gênero está relacionada ao discurso discriminatório, o qual é fortalecido pela estratégia do estereótipo. Esse entendimento nos auxilia na compreensão de como lemos e interpretamos autoras negras.

Seria interessante observar, conforme Glissant, um campo literário onde “[...] as literaturas que se perfilam diante de nossos olhos e que já podemos pressentir, serão adornadas com todas as luzes e com todas as opacidades da nossa totalidade-mundo.” (Glissant, 2005, p. 86). Nesse contexto, Glissant apresenta-se otimista em relação a uma realidade almejada, mas que dificilmente será alcançada em sua totalidade. Não por falta de qualidade dos trabalhos produzidos, mas porque a literatura se apresenta não somente por meio de seus aspectos estruturais, mas também por seu caráter social capaz de apresentar concepções que, por vezes, estão carregadas de preconceitos.

Como desdobramento posterior à presente pesquisa, tem-se a pretensão de introduzir uma nova categoria que venha agregar ao conceito de estereótipo, que é a de “imagens de controle”, a qual é uma categoria do pensamento feminista negro de Patricia Hill Collins, apresentada por Winnie Bueno (2020a). Decerto, essa é uma pesquisa que demanda um longo desenvolvimento e deve ter implicações metodológicas em pesquisas futuras, não havendo o objetivo de se concluir neste trabalho, mas devendo ser desenvolvida em outros projetos.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. Literatura. *A formação do leitor*. Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BEAUGÉ-ROSIERS, Jacqueline. Contes de l'enfance aveugle. In: *ÎLE en île*, 26 juin 2007. Disponível em: <http://>

ile-en-ile.org/jacqueline-beauge-rosier-conte-de-lenfance-aveugle/. Acesso em: 18 jul. 2023.

BOGART, Jeanie. “Woman”, “Le cri” et “A la foli”. In: *ÎLE en île*, 13 mai 2013. Disponível em: <http://ile-en-ile.org/jeanie-bogart-trois-poems/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020a.

BUENO, Winnie. *Imagens de Controle – Uma categoria analítica do pensamento feminista negro*. 1 vídeo (1h53min30seg). Santa Maria: UFSM, 21 out. 2020b. Publicado por Pró-Reitoria de Extensão UFSM. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mPUVq2MjI8>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CAPÉCIA, Mayotte. Je suis martiniquaise (extraits). In: *ÎLE en île*, 07 janv. 2003. Disponível em: <http://ile-en-ile.org/mayotte-capecia-je-suis-martiniquaise/>. Acesso em: 18 jul 2023.

CASTRO, Katarina Kelly Brito. BAMBÁ, Mahomed. A Quebra do Horizonte de Expectativa em Do Começo ao Fim e em Mistérios da Carne. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., Foz do Iguaçu. Anais [...]. Foz do Iguaçu: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/trabalhos.htm>. Acesso em: 01 ago. 2023.

COUTO, Lígia Paula; JOVINO, Ione da Silva. Colonialidade do ser. In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de (org.). *Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 77-82. Disponível em: <https://repi.ufsc.br/node/202>. Acesso em: 31 jul. 2023.

FRANÇA, Fagner Torres de. Metodologias Decoloniais: um museu de grandes novidades? *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, p. 77-88, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/11699>. Acesso em: 21 jul. 2023.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133. Disponível em: https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *La historia literaria como desafío a la ciencia literaria*. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich et al. *La actual ciencia literaria alemana*. Salamanca: Anaya, 1971. JEAN-GILLES, Mireille. Le voyage en Haïti. In: ÎLE en île, 22 oct. 2004. Disponível em: <https://ile-en-ile.org/mireille-jean-gilles-le-voyage-en-haiti/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios*

de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAHENS, Yanick. Yanick Lahens, écrire sans masques – escribir sin máscaras. In: LACHANSONDELACIGALE. [S.l.], 18 août 2015. Disponível em: <https://lachansondelacigale.wordpress.com/2015/08/18/yanick-lahens-ecrire-sans-masques-escribir-sin-mascaras/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OLIVEIRA, Jonata. ALVES, Alcione. Teseu, o labirinto e seu nome: Como Homi K. Bhabha poderia nos ajudar a compreender uma passagem de Moi, Tituba Sorcière..., de Maryse Condé?. Múltiplos Encontros: Linguagens. *Caderno de Letras*, n. 27, p. 91-108, jul.-dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/8840>. Acesso em: 18 jul. 2023.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 18 jul. 2023.